

Morelembaum representa a música no júri

Jacques Morelembaum, um carioca de 37 anos, é o representante dos músicos no júri. Violoncelista, ele foi músico de orquestra na juventude (Orquestra Juvenil do Teatro Municipal) e na maturidade (Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal). De uns tempos para cá, teve que deixar a Sinfônica, por absoluta falta de tempo. Afinal, tornou-se integrante permanente do grupo musical de Tom Jobim e de Egberto Gismonti. O pouco tempo que lhe resta é aplicado na composição de trilhas sonoras para teatro (já fez dezenas delas, tendo recebido o Prêmio Mambembe e o Governador do Estado de SP, por *Carmem com Filtro*, de Gerald Thomas) e cinema (sua estréia em longa-metragem se dá na trilha de *República dos Anjos*, de Carlos del Pino).

Apesar da formação erudita e da influência familiar (o pai, Henrique Morelembaum, polonês, é maestro da Sinfônica Brasileira, e a mãe, pianista), ele nunca se fechou no universo sinfônico. "Desde pequeno estudei com Esther Scliar, a maior musicista do Brasil. Depois, fui para os EUA, onde de 78 a 80 me aperfeiçoei no violoncelo", lembra. "Mesmo assim, nunca deixei a música popular de lado. Fui roqueiro na *Barca do Sol*, de 74 a 78".

Quando regressou dos EUA, Morelembaum integrou-se à Sinfônica do Municipal. "Foram oito anos de muito trabalho e muitas alegrias. De triste, só a falta de prestígio do músico de orquestra, que no Brasil não é valorizado".

Na manhã de ontem, Jacques Morelembaum ultimava compromissos no Rio de forma a se liberar por sete dias, tempo necessário para atuar como jurado no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. E ar-

rumou tempo para conversar com o **Caderno 2**.

— **Como você conseguiu se dedicar, ao mesmo tempo, à música erudita e à música popular?**

— Tudo na minha vida me encaixava para a música erudita: meu pai, um músico erudito europeu; minha mãe, uma pianista clássica! Mas não sei por que, sempre fui eclético. Mesmo que meu pai nunca tenha composto um samba. Eu era criança na época da Bossa — Nova. Em 64, quando os *Beatles* explodiram, eu estava entrando na adolescência. Fiquei completamente tarado por eles. Virei um violoncelista roqueiro. Só mais tarde, bem mais tarde, conheci a Bossa-Nova. Como sou oriundo de família judia, tenho ligação profunda com a música nordestina, que traz influência marcante dos mouros, do Oriente. Daí que sou uma salada de frutas de estilos.

— **E por que você abandonou a Sinfônica, se você processa, com tanta tranquilidade, as polaridades do erudito e do popular?**

— Porque tive o privilégio de ser convidado por Tom Jobim para tocar com ele. Como o Tom viaja muito, tornou-se cada vez mais difícil conciliar a Sinfônica e as viagens. Daí, para agravar, fui trabalhar com Egberto Gismonti, meu amigo de muitos anos. O trabalho com Tom e Egberto me absorveu totalmente. Não deu mais para driblar esta ambigüidade.

— **Xangai faz questão de tê-lo em todos os seus discos e de registrar que você é um dos maiores violoncelistas do mundo.**

— Bondade dele. Nos conhecemos quando voltei dos EUA. Um ano depois, eu participava do *Quê Qui Tu Tem Canário?* Sentimos, de cara, uma enorme afinidade. Passei, então, a participar de todos os discos dele. Para o *Mutirão da Vida*



Jacques Morelembaum

reunimos uma banda inusitada: Marcelo Bernardes, na clarineta e flauta; Alex Madureira, na viola de 10 cordas; Mingo e Júnior na percussão, e eu no violoncelo. Era uma formação que, em tudo, fugia do normal num disco de música popular, ou seja, do baixo elétrico, da bateria e guitarra.

— **Como tem sido sua relação com trilhas sonoras para cinema?**

— Está aí uma área que me interessa muito. Até agora, meu trabalho vinha muito ligado ao do Egberto Gismonti. Trabalhei com ele na trilha sonora de *Kuarup*, do Ruy Guerra, cuidando da regência da orquestra e tocando violoncelo. Com ele, nos anos 70, eu havia participado da trilha de *Nem os Bruxos Escapam*, de Waldir Ercolani. Agora, ele está compondo a trilha de *El Viaje*, do argentino Fernando Solanas. Já me avisou que vou participar do processo de execução. Com

Tom Jobim, participei da trilha de *Fonte da Saudade*, do Marcos Altberg. Com Antônio Pinto, filho do Ziraldo, fiz a trilha de um desenho animado sobre Deficientes Físicos, que foi exibido em todo o país, como complemento de um filme da Xuxa. Foi um trabalho muito interessante. Agora, estou estreando no longa-metragem como autor da trilha de *República dos Anjos*, filme do Carlos del Pino, que vai encerrar o Festival de Brasília.

— **Vale a pena fazer trilha sonora para cinema, num país em que a indústria cinematográfica vive crise sem par?**

— Financeiramente, não. As 15 trilhas que fiz para teatro também não me deram dinheiro. Mas me deram muita alegria, muito prazer e reconhecimento. Além de me aproximarem de pessoas interessantes como o Gerald Thomas, Rubens Correa e Ulisses Cruz. Embora componha muito, não tenho discos solos gravados. Fora os três da *Barca do Sol*, foi o teatro que me proporcionou meu primeiro disco. A trilha sonora de *Carmem com Filtro* foi registrada num elepê.

— **Faz parte dos seus planos gravar novos discos?**

— Faz sim. Estou planejando gravar um duo de violoncelo e violão, com Nando Carneiro. Acho que sai até o final do ano. Meu caminho é o da música instrumental. Nunca compus canções. Como diz o Xangai, ainda não labutei nisso. Fiz melodias que receberam letras de Casca e Geraldinho Carneiro. Gosto de cantar. Cantava na *Barca do Sol*. No show do Tom, canto uma música. Mas não sei se é por aí. (risos).

— **Você já foi, em algum momento da sua vida, jurado de algum concurso musical?**

— Só de escola de samba...

— **Então você já enfrentou a barra mais pesada. Agora está pronto para qualquer empreitada.**

— Pois é. Estou pronto para o júri do Festival de Brasília, mesmo que seja o primeira vez.

— **Que postura você defende no júri? O que, para você, é importante na análise de uma trilha sonora?**

— Olhe, pretendo prestar a maior atenção enquanto a música estiver ligada à dramaticidade da obra. Tudo que eu procuro num filme, quando vou assisti-lo, vou procurar na hora do julgamento. A música tem que ter uma ligação absoluta com a emoção do filme. Tem que estar totalmente subordinada à sua dramaticidade.

— **Não está implícita, nesta subordinação, uma visão tradicional da função de uma trilha sonora? Como ficam compositores como Guilherme Vaz e Arrigo Barnabé, mais voltados para a experimentação?**

— A maneira de você degustar uma música, de analisá-la, é abstrata. Numa composição que, aparentemente, está desconectada com a imagem, você pode perceber uma *propositabilidade*. Isto mesmo, um propósito, uma intenção de criar uma terceira emoção. Há, na trilha que fiz para *República dos Anjos*, uma seqüência em que a música parece desconectada. Mas, na realidade, existe a intenção de criar uma dicotomia, um conflito. O que é relevante, para mim, é ver se a inspiração da música vem de dentro do filme. Se ela é melhor ou mais bonita que o filme, algo está errado. Ela não pode se destacar do conjunto. Tem que harmonizar com ele. (MRC)